

## ***AS IDAS E VINDAS AO COTIDIANO DE DROGAS E VIOLÊNCIA: Uma reflexão teórica das narrativas de homens usuários de drogas ilícitas que vivem em bairros populares.***

CHAVES, José Carlos Oliveira, Mestre em Saúde Coletiva (UFBA).  
*Universidade Federal da Bahia, [zeczachv@gmail.com](mailto:zeczachv@gmail.com)*

### **RESUMO**

Embora muito tenha sido dito e debatido sobre a questão das desigualdades sociais, pouco se tem problematizado a tríade pobreza, drogas e violência como fios condutores da complexa reflexão a respeito da vida cotidiana dos indivíduos que residem em bairros populares designados como “periferia” nas grandes cidades. Assim, essas questões dão corpo ao imaginário social construído sobre o universo das drogas, sejam elas, lícitas ou ilícitas, seus usos e tráficos; bem como às relações sociais existentes nesses espaços. Este ensaio tem por objetivo refletir sobre os sentidos e significados atribuídos ao uso de drogas ilícitas, seus rituais sociais, assim como as normas e regras de conduta, vigentes entre homens usuários morador de bairros populares. A metodologia utilizada foi baseada em levantamentos de dados bibliográficos e projetos relacionados ao uso de substâncias psicoativas ilícitas em contextos de pobreza e violência; bem como os conhecimentos obtidos na análise de um estudo desenvolvido por mim no mestrado intitulado: *Corpo “sarado”, corpo saudável? Construção da masculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador*. Diante das ponderações apresentadas, ressalta-se a importância de se problematizar as categorias gênero, classe e raça, bem como os contextos socioculturais em que ocorre o uso dessas substâncias, para não cairmos na armadilha de rotularmos e estigmatizarmos um grupo em prol de outro. Acredito que este estudo possa ser de valia, na medida em que propõe uma análise crítica acerca da produção teórica brasileira referente a padrões de uso, regras e práticas de consumo de drogas ilícitas.

**Palavras chave:** masculinidades, pobreza, drogas, violência.

### **INTRODUÇÃO**

Nos últimos anos muito tem se debatido sobre a questão das desigualdades sociais. Esses debates tem tido como elementos importantes as reflexões sobre pobreza, drogas e violência. Observa-se que a todo instante essas categorias se estabelecem como fios condutores de discussões que remetem a questões que permeiam a vida cotidiana dos indivíduos nas grandes cidades, de modo que essa problemática dá corpo aos espaços urbanos, bem como às relações sociais existentes.

Além de toda desigualdade social, as grandes cidades também sofrem com o desemprego. Em consequência, surge um grande número de bairros populares que padecem com a falta de segurança, saúde, saneamento básico, infraestrutura, tráfico de drogas, entre outras mazelas; colocando os seus moradores diante de um alto índice de vulnerabilidade social. Entre os diversos

fatores pautados como responsáveis por essa vulnerabilidade estão: à baixa escolaridade, a baixa renda familiar, a falta de ocupação e a discriminação de gênero/cor/raça/idade.

Nesse sentido, a estruturação dos bairros populares, bem como as relações estabelecidas com o que está ao seu redor refletem questões da maior relevância na formação psicossocial dos seus membros. Isso a conduzir formas e olhares distintos das estruturas que, em muitas vezes, sobrepõe normas e regras tidas como “normais”. Dessa forma, no intuito de entender as masculinidades existentes neste cenário é importante compreender as relações que estes homens mantêm com o que está ao seu redor e os hábitos que compõem o universo em que estão inseridos. Assim, pode-se conceber que as suas experiências de vida, bem como os referenciais do "ser homem" estão no topo do entendimento da hierarquia das masculinidades existentes nesses espaços. Logo, a investigação sobre as múltiplas masculinidades pode ajudar a reconhecer a sua diversidade e, conseqüentemente, uma maior reflexão sobre as relações de gênero no intuito de ampliar o entendimento do conjunto das relações e das subjetividades que dão corpo as identidades desses homens.

Uma vez que os estudos que tomam as questões de gênero envolvendo as classes populares, em particular no que tange à masculinidade, debruçam-se sobre as identidades masculinas construídas e legitimadas através do tráfico de drogas e da violência; vale questionar o que é ser homem nos diferentes contextos desses espaços, como também o que é ser mulher, levando em consideração as questões de classe e raça, categorias que por si só já refletem grandes diferenças socioculturais. Dessa forma apenas as questões supramencionadas, não dão conta para o entendimento do fenômeno da construção social da masculinidade e vulnerabilidade dos homens usuários dessas substâncias ilícitas oriundos desses bairros.

É bem verdade que o uso de drogas sejam elas, lícitas ou ilícitas, permeia todas as classes sociais, o que se difere são formas de acesso, visibilidade do seu uso e a vulnerabilidades dos usuários. Dessa forma, pensar apenas no desenho até então esboçado para o entendimento dessa questão, por si só, não dá conta de toda a dinâmica que o uso de drogas institui na contemporaneidade. Por esta razão é de fundamental importância estudar de modo mais detalhado os seus usuários, suas “redes”, as relações e os vínculos que eles estabelecem ao seu redor. Uma vez que os fenômenos que norteiam os elementos reguladores que regem o uso de drogas ilícitas produzem subsídios para formação e reflexão da vida cotidiana, como também potencializam elementos de grande relevância na estrutura de vida desses indivíduos.

Aqui vale ressaltar, como fator positivo dessas redes, a elevação do índice de usuários que buscam participar efetivamente da sociedade, através da formação de grupos socioculturais. A troca de experiências, para a identificação de situações de risco pessoal e possíveis fragilidades sociais que possam levar ao uso abusivo de drogas, faz com que construam uma identidade coletiva. Esta inserção funciona como um estímulo na procura de soluções alternativas para suas questões de cunho pessoal e no desenvolvimento de ações positivas, ressignificando os seus projetos de vida. Assim, o contato com usuários não problemáticos, bem como atividades não associadas às drogas são fatores importantes na estrutura de vida dos que estão inseridos neste contexto (GRUND, 1993).

É incontestável que por mais que os homens se distanciem da figura da masculinidade hegemônica, esta se faz presente na figura do provedor, que pressupõe poder e força. No entanto, o que se observa na contemporaneidade é que, para além dessa conjectura, a figura de um homem provedor, chefe de família, heterossexual, forte e que não expressa suas emoções se contrasta com um modelo de homem moderno aberto e disposto a experimentar novas formas de vivenciar sua masculinidade.

Assim, partindo da premissa que a busca por padronização dos tipos ideais de masculinidade e feminilidade nada mais são do que um construto mutável e não definitivo, a pergunta que se coloca é: **diante dos modelos de masculinidades construídos a partir do universo das drogas, seus usos e tráficos;** a partir da “cultura das drogas”<sup>1</sup> como se dá a construção das masculinidades dos homens usuários dessas substâncias em bairros populares? Nesse sentido, este ensaio tem por objetivo refletir sobre os sentidos e significados atribuídos ao uso de drogas ilícitas, seus rituais sociais, assim como as normas e regras de conduta, vigentes entre homens usuários morador de bairros populares; dando especial atenção para as questões relacionadas à pobreza e a violência.

A metodologia utilizada foi baseada em levantamentos a partir de dados bibliográficos e projetos relacionados ao uso de substâncias psicoativas ilícitas em contextos de pobreza e violência. Também foram empregados os conhecimentos obtidos na análise do estudo desenvolvido por mim no mestrado intitulado: *Corpo “sarado”, corpo saudável? Construção da masculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador*. Aos dados bibliográficos foram

---

<sup>1</sup>Partindo da teoria do comportamento desviante, Becker (2008) propõe o conceito “cultura da droga”. Para o autor os usuários dessas substâncias desenvolvem um conhecimento sobre os rituais e regras de conduta que visam controlar ou regular os padrões de uso, bem como auxiliar na interpretação dos seus efeitos.

agregadas informações obtidas em sites na internet, pertencentes a organizações governamentais e não governamentais, que divulgam textos e dados relacionados com as temáticas abordadas no presente trabalho.

A partir do enunciado supramencionado, proponho refletir sobre a banalização do discurso em que está enraizada a tríade pobreza-droga-violência, categorias que, por si só, remetem a reflexões densas e calorosas. Para tanto, parto para maior entendimento dessa tríade o discurso do senso comum segundo o qual “os homens pobres que consomem e comercializam drogas ilícitas estão fadados a naufragarem no mundo do crime e predestinados a desaparecerem da cena cotidiana”. Diante de tal circunstância, as masculinidades contemporâneas, nesses espaços, estão imbricadas num intervalo de efeitos danosos, seja na vida dos próprios homens, afetando os padrões de mobilidade e mortalidade, seja na vida dos que estão ao seu redor.

Em síntese, procura-se compreender as representações de masculinidades e sentidos dados ao uso de drogas ilícitas no contexto da vida cotidiana nesses bairros. Assim, entende-se este estudo como de grande valia, na medida em que a produção teórica brasileira ainda tem pouco explorado os padrões de uso controlado, regras e práticas de consumo, nas classes populares; bem como fornecer contribuições significativas para o debate político sobre a percepção coletiva de que “o consumo de drogas ilícitas pelas classes populares está atrelada a marginalidade, abuso, tráfico e violência”.

## **BREVE INCURSÃO TEÓRICA**

Sem dúvida, como ressalva Almeida (2000), as grandes mudanças que ocorreram no campo dos estudos de gênero e, conseqüentemente, da sexualidade, passam pela interpretação dos corpos, do sexo, da reprodução sexual e da identidade individual. Em vista disso, instituído de identidades pessoais e sociais, o gênero deixa de ser relacionado a grupos sociais e passa a se estabelecer enquanto categoria. No momento atual, Almeida (2000), situa três tendências em relação aos estudos de gênero: a teoria da prática, derivada de crítica ao marxismo ortodoxo; os modelos de relação entre estrutura e prática desenvolvidas por Bourdieu (1972; 1980) e Giddens (1979); e a análise contextual do *self*, da ação pessoal e da intersubjetividade.

Aqui, como referência para o entendimento dos elementos identitários relacionados na construção das masculinidades contemporâneas, será adotada a definição de masculinidade hegemônica defendida por Almeida (2000), na qual esta não se restringe ao “papel” dito masculino, mas sim a uma variedade de masculinidades que estão subalternas a outras variedades de

masculinidades, pois como o autor sugere: “as masculinidades são construídas não só pelas relações de poder, mas também pela sua inter-relação com a divisão do trabalho e com os padrões de ligação emocional” (2000, p.150). Partindo dessa perspectiva, pode-se apreender que as identidades masculinas se constituem como um campo de situação que se estrutura a partir das interações sociais propagadas entre os atores em questão. Como sinaliza Hall (2000, p.112):

As identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora ‘sabendo’, sempre que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma ‘falta’, ao longo de uma decisão, a partir do lugar do outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas - idênticas – aos processos de sujeito que são nelas investidos.

Alguns autores chamam a atenção para a importância das identidades tidas como “desviantes” no campo da análise para o entendimento do que é ser “macho” e o que é ser “fêmea” no mundo da vida social (TORRÃO, 2005; TREVISAN, 1998; ALMEIDA, 1995). Para esses autores, em se tratando da construção social da masculinidade, a homossexualidade reporta-se a um tipo de masculinidade subordinada que redefine e reestrutura o papel do que é ser homem. Torrão (2005, p.145) observa que, “a homossexualidade masculina é parte constituinte e constitutiva da masculinidade”.

Aqui vale refletir, em se tratando das identidades desviantes, que os atributos de uma determinada pessoa e os seus estereótipos sociais são gerados em situações sociais, nas quais determinadas regras são estabelecidas. Diante disso, quando qualquer pessoa – que não participa dessas normas sociais – apresenta outras características que, aos olhos dos outros as torne diferente e até inferiores, essas características apresentadas tornam-se estigmas.

Goffman (1982) sugere que as relações sociais entre aqueles tidos como “normais” e os “estigmatizados” se estabelece a partir dos graus de parentesco, de amizade ou até mesmo de serem estranhos uns aos outros. Contudo, salienta que quanto mais pessoal se torne essa relação, menor será a sensação do sentimento de ser estigmatizado. Nesse sentido, ele propõe que ao se analisar os estigmas que moldam o mundo social, deve-se levar em consideração os tipos de socialização, contatos sociais, as vitimizações e as privações que compõe as características centrais das vidas dos indivíduos. Diante do fato, observa-se que a criação de um estigma parte da interação entre os que cometem o ato de desvio e aqueles que respondem a esse ato (BECKER, 1977).

Em realidade, os que não aderem à vida comportada e normatizada – compartilhando dos “valores” do que é viver em sociedade – são encarados como infratores de regras; essas infrações se constituem como desvio, que, por conseguinte, geram rotulações e um determinismo fatalista. Entretanto, o que se tem que levar em consideração é que as regras são diferenciadas, em termos de

cultura, classe social e etnias e, à medida que as regras de vários grupos se entrecrocaram e contradizem, haverá desacordo ao tipo de conduta apropriada (BECKER, 2008).

Pensar no campo das drogas é refletir sobre o emaranhado de instituições totais que direta ou indiretamente lidam com esta questão, no qual alguns elementos são de grande valia para a análise dessa temática. Um ponto observado de ampla relevância, diante dos pontos que permeiam a cultura das drogas, é que o modelo adotado de origem americana de “guerra contra as drogas”, onde a solução dos conflitos se dá através da repressão/ retribuição, intensificou nos últimos anos o aumento do tráfico e o uso abusivo das substâncias psicoativas ilícitas.

Se por um lado vivemos no momento importante de debates intensos em torno das questões que permeiam esse universo, por outro padecemos com a hegemonia de um senso comum que associa automaticamente o uso de drogas à violência. E ao pensar no âmbito da Justiça, ainda se observa uma visão radical focada no proibicionismo, colocando invariavelmente as drogas no âmbito da marginalidade, repressão e exigência de abstinência.

Em se tratando do consumo dessas substâncias, o seu uso é um fenômeno universal. Observa-se que todas as sociedades lidam com a alteração do estado da consciência, através de rituais explícitos ou não tão explícitos. Nesse sentido, as pessoas aprendem a usá-las e possuem determinadas regras; seguem uma “etiqueta”, ou seja, dentro do grupo que estão inseridas há limites que não podem ser ultrapassados (VELHO, 2008). Como acentua Adiala (1986), os usuários dessas substâncias devem, antes de qualquer coisa, serem aceitos num grupo que se encontra organizado por uma série de valores devendo compartilhá-los.

Aqui vale ressaltar a diferença entre a dependência e o uso recreacional e ocasional, bem como os diferentes tipos de drogas e danos que provocam. Como sugere Minayo (1998): às drogas sejam o álcool ou até mesmo as substâncias ilícitas, desempenham um importante papel no contexto em que são usados, entretanto a importância dada a elas depende de fatores, individuais, sociais e culturais. Dito de outra forma, “uma mesma droga pode ser utilizada no contexto pacífico, numa sociabilidade mais ou menos harmoniosa, e pode ser usada num contexto de conflito de briga, até de morte e assassinato” (VELHO, 2008, p.135).

Nessa perspectiva, apesar de haver muitas pesquisas feitas relacionadas ao consumo de drogas e mudanças de comportamento, uma questão que é pouco investigada é se pessoas, que cometeram atos violentos na presença de álcool e drogas, em estado de abstinência não cometeriam as mesmas transgressões (MYNAYO, 1998). Nesse contexto, a acusação que se coloca é que os usuários dessas substâncias são cúmplices dessa violência. Ora na acepção de Velho (2008) isso

acontece porque as pessoas não sabem da máquina que existe no sistema criminoso, na qual a existência do tráfico de drogas e armas só é possível com a cumplicidade do estado, como exemplo os setores da polícia. Dessa forma, diante do fato que a violência tem mais chance de acontecer em determinados seguimentos populacionais e situações específicas, a ideia de que substâncias ilícitas e pobreza são responsáveis pela violência, muitas vezes parte de um determinismo biológico, social e econômico (MYNAYO, 1998).

Diante de tais circunstâncias, os bairros populares hoje se conformam como locais onde a violência é bastante explicitada devido à existência de ‘gangues’ rivais e ao tráfico de drogas, que se configuraram como elementos desestruturantes da vida social. Desse modo, assim como os guetos americanos, esses bairros comungam de quatro elementos importantes que estruturam a complexidade urbana: preconceito, violência, segregação e discriminação. Em síntese, todos esses elementos corroboram para a mecânica da exclusão social e do racismo (WACQUANT, 2008).

Dentro desses espaços, o estado substitui as suas funções de provisão social por mecanismos disciplinares, aumentando a vigilância e a ação agressiva, reforçando a instabilidade socioeconômica e a violência interpessoal que deveria supostamente atenuar (WACQUANT, 2008). E em se tratando dos homens de bairros populares parafraseando Wacquant (2008, p.38) aqui vale à máxima: “morrer por morte violenta e ir para a prisão tornaram-se exemplos banais, daí resultando que o encarceramento é geralmente percebido como uma simples continuação da vida no bairro”.

## **IDAS E VINDAS AO CONTEXTO DE DROGAS E VIOLÊNCIA**

Todo esse contexto passa a contribuir para a manutenção dos homens jovens dos bairros populares na marginalidade, no desemprego e, na melhor das hipóteses, em empregos precários. Os dados sobre drogas e violência noticiados revelam que “o mapa da violência”, que expressa à distribuição diferenciada das taxas de homicídios, se associa ao mapa das desigualdades sociais. As maiores vítimas há muito são conhecidas: homens, jovens, pobres, negros, com baixa escolaridade e residentes em bairros designados como “periferia”.

Como sugere Goffman (1982) às características de uma determinada pessoa e os estereótipos sociais atribuídos a ela são geradas em situações sociais nas quais determinadas regras são estabelecidas. É verdade que todas as sociedades possuem suas normas, entretanto, essas nunca são totalmente cumpridas. Diante disso, quando qualquer pessoa que não comunga dessas normas sociais apresenta outras características que, aos olhos dos outros as torne diferente e até inferiores, essas características tornam-se estigmas.

Assim, para o um maior entendimento dos elementos que norteiam a concepção das “normas e estigmas”, devo observar como a presença das drogas ilícitas, dentro dos bairros populares, são estigmatizadas e questionadas. Na visão da população em geral, o consumo dessas substâncias tem causado o aumento da dependência entre as pessoas, mudanças no comportamento e, com isso, um desequilíbrio familiar. Diante do fato, observa-se uma total repulsa dos não usuários dessas substâncias perante aos usuários e, conseqüentemente, a criação de um estigma que parte da interação entre os que cometem o ato de desvio (os usuários) e aqueles que respondem a esse ato (BECKER, 1977).

Todo o emaranhado de fatores desestruturantes, presentes na vida cotidiana desses bairros populares, independente do uso ou não de substâncias psicoativas, é dominado pela “ausência” e pelo “não ter”, revelando-se de maneira mais contundente na desassistência e pobreza material. Diante dessa configuração do “não ter”, para os que enveredam pelo uso problemático de drogas, em muitos casos, o crime se apresenta como um simples desvio de comportamento em uma sociedade cujos valores centrais fazem pouco sentido para os excluídos de suas benesses; sendo o de maior visibilidade o roubo. Assim, são bastante recorrentes, entre familiares de usuários de drogas ilícitas, denúncias referentes ao furto domiciliar, entendido por eles como consequência dessa prática. Isso frequentemente adquire as dimensões de sério problema social, tornando-se mais um fator de conflito e desestrutura familiar.

Diante de tais questões, o tráfico de drogas aparece como forma extremada da busca de inclusão social, na qual os homens que por esses espaços transitam, como sugere Linda Hutcheon (apud MAGNO, 2010), são colocados na posição de ex-cêntrico, ou seja, fora do centro das normas que estruturam o senso comum. Neste sentido, o combate a todas as formas de violência, sejam elas simbólicas ou físicas, que acometem os indivíduos dos espaços urbanos, constitui-se como elemento central para o desenvolvimento de políticas de inclusão social. Como sugere Wacquant (2008), o que se deve falar não é dos espaços como tais e sim do acesso à escola, à habitação, ao emprego, etc., ou seja, deve-se falar dos meios que levam a uma cidadania efetiva.

É neste cenário emblemático que surgem as igrejas evangélicas, associações de moradores, projetos sociais não governamentais, etc. que passam a funcionar como uma alternativa de socialização para os que por ali transitam. Esses espaços funcionam como escudo protetor contra as tentações e os riscos da rua, ou seja, um local de sociabilidade, em contraste com o ambiente hostil e inseguro apresentado (WACQUANT, 2002).

Conforme Pinho (2005, p. 136):

Os bairros periféricos, e a experiência da perifericidade, [...] são o marco para a constituição da experiência e para a formação do sentido do corpo e de suas performances específicas. Regimes de corporalidade e de subordinação, assim como a pobreza, ou privação relativa, o cotidiano de violência, os padrões de conduta sexual, etc., são componentes intrínsecos do contexto que se forma como uma ambiência para a reprodução social.

Aqui, pode-se intuir que as questões de pobreza, droga e violência são, portanto, ponto chave para uma maior compreensão dos fenômenos sociais existentes nesses bairros. Esta tríade, por si só, traz elementos que dão pistas sobre a construção das identidades dos homens que residem e vivem nesses espaços. Em um cenário repleto de pressuposições a serem decifradas, uma vez que no conjunto da população nacional são os homens jovens os mais atingidos pelas desigualdades socioeconômicas, estes acabam enfrentando dificuldades das mais diversas ordens, sobretudo nas questões que interferem nos padrões de morbimortalidade.

Diante disso, refletir sobre esse campo de desvio nos leva a repensar sobre os conflitos em que se metem aqueles que enveredam pelo uso de drogas ilícitas nessas regiões, bem como sobre a desassistência e vulnerabilidade sofridas pelos que enfrentam, direta ou indiretamente, a tríade supracitada. Nessa perspectiva, é importante problematizar as formas de lidar com este caráter da ausência, em especial no que tange ao universo dos homens que, diante de tantas mazelas, buscam atitudes não muito ortodoxas para lidar com ela. Por esta razão, as nuances de classe e constituições familiares se instalam como um dispositivo para a compreensão da sua postura, uma vez que os homens se veem o tempo todo tendo que lidar com questões pertinentes ao seu campo situacional.

## **CONSIDERAÇÕES E NOVOS DESAFIOS**

O propósito deste ensaio foi levantar reflexões sobre a intersecção entre masculinidades, pobreza, droga e violência, nas narrativas das camadas populares, categorias tão caras na contemporaneidade e, por conseguinte, identificar elementos que possam trazer desafios para estudos futuros. As ponderações aqui apresentadas tiveram como preocupação analisar os valores embutidos no uso de drogas ilícitas nesses espaços.

Diante das questões apresentadas, observa-se que as construções identitárias dos homens moradores desses bairros, na sua maioria, negros, são construídas a partir do ambiente hostil em que violência, opressão e poder estão no limiar da sua elaboração. Essa desintegração do espaço público (WACQUANT, 2008) é acarretada pelo aumento do desemprego e, por conseguinte, do crescimento da economia informal a qual tem o tráfico de drogas como grande empregador dessa mão de obra. Assim, os homens jovens usuários de drogas ilícitas das classes populares são rotulados dentro do

determinismo biológico fatalista supracitado. Com esta perspectiva, o campo social produz uma mão de obra barata e não qualificada com uma tendência ao que Wacquant (2008) denomina de *desdiferenciação social*, uma redução funcional e estrutural do trabalho.

Esta desdiferenciação social pode ser notada pela uniformidade ocupacional e pela multifuncionalidade das instituições do bairro, estas tendo que assumir as funções do Estado, a exemplo das igrejas e das organizações não governamentais. Assim, pode-se conceber que a estrutura de vida, bem como os referenciais e a dinâmica sociocultural desses espaços estão no topo do entendimento de quais são os efeitos da associação automática entre consumo e tráfico de drogas. Logo, a investigação sobre os padrões de uso e quais os efeitos sobre os homens usuários podem ajudar a reconhecer essa diversidade e, conseqüentemente, uma maior reflexão sobre o uso não problemático dessas substâncias que escapa aos processos de estigmas e rotulações.

## REFERÊNCIAS:

ADIALA, J. C. A Criminalização dos Entorpecentes. *In: Papeis Avulsos n° 1*, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

ALMEIDA, Miguel Vale. **Senhores de Si**: Uma Interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim do Século, 2000.

ANDRADE, Vera Regina Pereira. Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum, UFSC, Florianópolis/SC, **Revista N° 30**, Ano 16 - junho de 1995, pp. 24-36.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BECKER, Howard. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudo de sociologia do desvio**, trad. Maria Luiza X. Borges; revisão técnica Karina Kuschnir, 1º Ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**, trad. Maria Helena Kuhner. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CARDOSO, R. (Org.) As Aventuras de Antropólogos em Campo ou como Escapar das Armadilhas do Método. In\_\_\_\_\_(Org) **A Aventura Antropológica: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2004, p. 95-125.

CHAVES, José Carlos Oliveira. **Corpo "sarado", corpo "saudável"? Construção da masculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador**, Salvador, UFBA, 2010.

FIGUEIREDO, Wagner. Assistência à Saúde dos homens: um desafio para os serviços de atenção primária. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 105-109, 2005.

FIGUEIREDO, Ângela. Gênero: dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil, In SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araújo (org.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**, 2ªed., Salvador: Associação Brasileira de Antropologia/ EDUFBA, 2008, p. 237-255.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. 14ª ed. tradução Maria Célia Santos Raposo. Petropolis: Vozes, 2007.

GRUND, Jean-Paul C. Drug Use as a Social Ritual- Functionality, Symbolism and Determinants of Self-regulation. **Rotterdam: Institut voor Verslavingsonderzoek (IVO)**, Erasmus Universiteit Rotterdam, 1993, pp. 237-256.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIMA, Dani. Corpos humanos não identificados: hibridismo cultural. **Lições de dança**, Rio de Janeiro, n. 4, 2004, p. 81-109.

MACRAE, Edward. A abordagem etnográfica do uso de drogas. In: MESQUITA, F. & BASTOS, F. (orgs.). **Drogas e AIDS: estratégias de redução de danos**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994, pp. 99-114.

\_\_\_\_\_. Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos. In: TAVARES, Luiz Alberto. et al. **Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo**. Salvador: CETAD/EDUFBA, 2004, pp. 27-48.

MAGNO, Raiff. *Refletindo sobre o "normal", o "diferente" e o "ex-cêntrico"*. Disponível em <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/garrafa4/19.doc>. Acesso em 25 de agosto de 2010.

MINAYO, M. C. S. & DESLANDES, S. F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência, **Card. de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 1998, p. 35-42.

PINHO, Osmundo Araújo. Etnografias do *brau*: corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador, **Estudos Feministas**, Florianópolis, janeiro-abril/2005, 13(1): 127-145.

\_\_\_\_\_. Relações raciais e sexualidade, In: SANSONE, Lívio; PINHO, Osmundo Araújo (org.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**, 2ªed. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia/ EDUFBA, 2008, p. 257-283.

SCHRAIBER, Lília B. et.al. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-17, 2005.

TREVISAN, João Silvério. **Seis balas num buraco só: a crise do masculino**. Rio de Janeiro: Record, 1998, 236p.

VELHO, Gilberto. O consumo de psicoativos como campo de pesquisa e de intervenção política, entrevista a Maurício Fiore. In: Beatriz Caiuby Labate [et. al.], (Org.), **Drogas e Cultura: novas perspectivas**, Salvador, EDUFBA, 2008, p. 123-139.

\_\_\_\_\_. Estigma e comportamento desviante em Copacabana. **In:\_\_\_\_\_.** (org.). **Desvios e divergências: Uma crítica da patologia social**, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 116-124.

WACQUANT, Loic. **As duas faces do gueto**. Trad. Paulo Cezar Castanheira, São Paulo: Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**, trad. Ângela Ramalho. Rio de Janeiro: Resume Dumará. 2002.

ZINBERG, Norman M. D. **Drug, set and setting: the basis for controled intoxicant use**. New York, 1984. pp. 1-18 e 241-254.